

# Qual a distância entre nós?

**Rossana Nicoliello Pinho, Belo Horizonte<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo faz referência ao atendimento psicanalítico remoto, levantando questões sobre as diferenças percebidas entre os encontros virtuais e presenciais. Tais questionamentos tomam como referência a presença e ausência do corpo nos encontros e suas implicações. Tais reflexões baseiam-se nas hipóteses do psicanalista Armando Bianco Ferrari.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo, mente, fisicidade, comunicação não verbal, Objeto Originário Concreto.

## **Encontros...**

P. é uma jovem estudante de Psicologia e está em processo analítico presencial há oito meses.

Em uma sessão, ela diz:

*- “Decidi que vou morar por um tempo no meu País de origem. Sinto que essa experiência me fará entrar em contato com algo que deixei “adormecido” desde os 5 anos: a minha “outra língua” e a minha família materna. Mas algo me entristece: perderei você de vista e isso me causa uma sensação conhecida... Novamente faço um vínculo forte e terei que deixá-lo para trás..”.*

Respondo a ela:

---

1. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais – SBPMG e da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro – SPRJ.

- *“O que possivelmente você sente deixado para trás seria você mesma, numa modalidade que já falamos aqui: traçar fronteiras tão definitivas que fazem de você “pedaços sem ligação”, partes estrangeiras que causam estranhamento”.*

Ela me olha, abaixando os olhos e diz:

- *“Você tem razão... Eu me estranho... Mas foi aqui que eu comecei a me ‘colar’ e reconhecer que posso ser uma só...”*

Nesse momento da sessão, um elemento novo se apresenta entre nós: a distância.

Após o silêncio, surge uma narrativa imagética e então passo ao cenário do clássico filme alemão, dirigido por Wim Wenders (1993), *“Tão longe, tão perto.”*

Relato brevemente o filme, dando ênfase ao olhar dos anjos que de longe acompanhavam pessoas em Berlim, como protetores que deviam tomar sempre o cuidado de não interferir na vida acompanhada por eles, mas com o propósito de nunca perdê-los de vista.

Nessa linha associativa, falo sobre a possibilidade de o atendimento ter continuidade por meio do *Skype*.

E ela diz:

- *“Você jura que podemos fazer isso? Eu havia pensado, mas imaginei que você poderia achar que não seria uma boa sugestão...”*

Projeções à parte, o *Skype* passou a ser um novo espaço no *setting*, significando uma promessa de continuidade, facilitadora de distâncias.

Escrevendo esse artigo, volto ao filme: *“Tão longe, tão perto”*, entendendo melhor a narrativa imagética que se fez presente no *setting*.

Nele, uma citação de Matheus (VI,22), abre a primeira cena:

*“Os olhos são a luz do corpo. Se os olhos forem bons, o corpo será luminoso. Mas se forem maus, o corpo estará em trevas”.*

A imagem que se abriu no *setting* trouxe o tema sobre o distanciamento do olhar, uma experiência relacional que coloca em risco o reconhecimento de si em função da ausência do olhar do outro, esse objeto investidor, que sustenta existências.

No filme, a missão do anjo Cassiel é descobrir a modalidade de percepção das pessoas em relação a si mesmas, entendendo, através dessa observação, como se veem, se ouvem e como percebem o outro e agem no mundo.

Rico em citações e apoiado em uma literatura de profundidades, o filme abre espaço para a discussão sobre como as pessoas relacionam-se consigo mesmas e evidentemente, com o outro, tanto à distância quanto presencialmente.

Esse é o mesmo assoalho no qual pousa uma das hipóteses de Armando Ferrari sobre a construção da “Rede de Contato”, resultante do encontro da relação com o si mesmo (Verticalidade) e da relação para com o outro (Horizontalidade). E será nesse entrelaçamento de modalidades relacionais o surgimento do “NÓS”, que, na polissemia da palavra, sugere o pronome que nos agrupa e reconhece e, ao mesmo tempo, os conflitos surgidos quando do encontro.

Então eu proponho a primeira das questões desse artigo: na relação à distância, quem seríamos “nós”?

Falemos de outro encontro à distância: Freud e Fliess.

Freud, identificado com Fliess quando do primeiro encontro, estabeleceu uma relação à distância com o médico; nesse convívio entremeado pelas cartas, transitou pela própria escrita em um colóquio intenso e dinâmico com o outro e consigo mesmo, evidentemente.

Esse encontro, configurado pela presença de movimentos transferenciais, mostrou Freud em uma produção contínua de reflexões e hipóteses e colocou Fliess às voltas com lugares e funções. Estava aí configurado um

certo tipo especial de “atendimento”, tal era o berço da subjetividade dessa curiosa relação.

A frase de Freud a Fliess: “*Foi só ao tentar expor o assunto a você que todo ele se tornou evidente para mim*” (Freud, 1986, p. 147), mostra que algo ocorreu nesse encontro a distância, certa “evocação de um objeto”, um além de si dirigido ao outro não presencial.

Esse encontro, ainda que não configura uma análise, aponta para a importância da presença desse objeto que sustentava Freud em suas inquietações mentais e sustenta que a evocação do objeto constitui uma forma de relação à distância.

Outra questão se apresenta: por quanto tempo seria possível suportar essa modalidade relacional, sem encontros presenciais?

### **Reflexões sobre distâncias e ausência do corpo no encontro virtual**

Inúmeras perguntas sobre o que ocorre no atendimento à distância poderiam ser tratadas aqui nesse artigo. Dentre as várias questões, escolhi pensar sobre a relação virtual analista-analisando e a ausência da fisicidade. Buscando pelo significado da palavra “fisicidade”, a definição dinâmica faz referência ao rastro deixado pela ação física de qualquer natureza. Essa expressão advém da palavra italiana *fisicità*, que faz menção à materialidade e à concretude. Tomemos então o Corpo (Fisicidade) como ponto de partida para as nossas reflexões. Armando Bianco Ferrari, psicanalista italiano, ocupou-se da relação primária Corpo – Mente. Ferrari propõe um encontro dialético constante entre o sensorial e o mental, no qual aquilo que emana do corpo (sensorialidade) deverá ser processado e pensado pela mente, sendo, desse modo, o encontro do sentir e do pensar responsável pela configuração daquilo que ele denomina “espaço psíquico” (Ferrari & Stella, 1998). Em situações nas quais a fisicidade transborda por sobre o psiquismo, modalidade essa que tem sua primeira aparição nos primórdios da existência humana, percebe-se uma exposição de sensações (comunicação pré-verbal), ainda sem o caminho das simbolizações, na qual o Corpo

passa a eclipsar a mente, em um funcionamento em que o sensorial diz mais sobre o sujeito do que seus processos mentais. Dessa forma, Ferrari define o termo “pessoa somática” (Ferrari, 1995). Importante assinalar que nas comunicações não-verbais está presente a narrativa sensorial e corporal, configurando assim uma forma primitiva de comunicação. Desse modo, ainda que tenhamos o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, por vezes utilizaremos das modalidades sensoriais e corporais para sentir, expressar e relacionar, entendendo que nunca abandonaremos essas comunicações mais primitivas. Sendo assim, do Corpo emanam as sensações que são mensagens dirigidas à mente e ao outro, sendo esse último catalisador e auxiliar na organização psíquica.

Caminhemos pela Metapsicologia Freudiana.

Freud sugere a presença do corpo nas referências aos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), conceituando o Auto-erotismo e o início da formação do Eu, no Ego e o Id (1923).

O auto-erotismo, tanto como fase do desenvolvimento libidinal, mas também como uma forma de satisfação do Narcisismo, no qual o Corpo ocupa o lugar central, nos traz importantes pontuações sobre a presença do Corpo nos primórdios da formação da mente.

O Corpo, nesse momento, apresentar-se-ia como fonte da qual emanam sensações e que está em constante relação com um Psiquismo, esse último ainda nos primórdios de sua constituição, sem a capacidade de perceber-se e traduzir-se, configurando assim uma superposição da pessoa somática por sobre a pessoa psíquica (A Sombra ou Assombra: a chegada do Duplo na Sala de Análise, Nicolliello, Rossana, 2019).

Este seria um momento no qual o Corpo ocupa o lugar central, antes mesmo da nova ação psíquica ou percepção da presença do objeto relacional, esse que inaugurará uma direção diferente do olhar, abrindo espaço para os primórdios das relações objetais.

Não pretendo aqui voltar a detalhar as vicissitudes do Narcisismo, mas somente pontuar que a concepção do Corpo na obra de Freud, seja como referência primeira ou como lugar da satisfação narcísica, coincide com

o que Ferrari afirma quando diz que o corpo seria o “objeto primeiro da mente” (Ferrari, 2008), diferenciado daquele objeto relacional das teorias das Relações Objetais.

### **Passemos agora para o lugar do Corpo no Ego e o Id (1923)**

Quinodoz assinala que Freud concluiu, no capítulo dedicado às relações entre o Ego e o Id, que o “corpo é essencialmente um derivado de sensações corporais, dado sua posição particular no cruzamento de percepções e sensações”.

E Freud, que sempre diz, mas, por vezes, faz desse dizer uma semente para a posterioridade metapsicológica, afirma:

“O corpo, principalmente na sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente. É visto como um outro objeto, mas ao ser tocado produz dois tipos de sensações, uma das quais pode equivaler a uma percepção interna” (1923).

Em seguida assinala, dando base para uma conceituação sobre a pessoa somática:

“O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma identidade superficial, mas ele mesmo uma projeção de uma superfície”.

Mais adiante, em uma Nota de Rodapé da tradução inglesa de 1927, autorizada pelo próprio Freud, apresenta-se a preciosa conclusão:

“Ou seja, o Eu deriva em última instância, das sensações corporais, principalmente daquelas oriundas da superfície do corpo, além de representar, como vimos acima, as superfícies do aparelho psíquico.”

Freud usa a conjugação no tempo presente para dizer sobre a origem

do Ego, ou seja, o Ego é também corporal e durante a sua obra essa afirmativa nunca será um pretérito. (A morada da alma, Nicoliello, Rossana , 2017) .

Voltemos à Ferrari, que diz:

“O Corpo é, por sua excelência, o primeiro objeto da mente e a sua primeira realidade” (1995).

Inicia-se aí o momento cardinal no pensamento de Ferrari, isto é, a construção da importante hipótese sobre a relação primitiva da Mente para com o Corpo, onde afirma ser este algo existente em si e que se projeta sobre a mente. E, nessa construção teórica, encontramos a contraposição da pessoa somática e da pessoa psíquica, na qual possíveis contradições estarão presentes, junto de revelações de identidades por vezes opostas.

Dizer que o Corpo é objeto da mente não é simplesmente vê-lo fruto da representação mental. Armando Ferrari defende a ideia de que o Corpo, antes de ser uma representação da mente, existe também como um símbolo vivo, o qual se manifesta, se comunica, se faz presente e existente. Ou seja: o Corpo é.

Partindo dessas afirmativas, Ferrari estruturou o conceito de Objeto Originário Concreto (O.O.C.), numa tentativa de integração de um conceito no qual situam-se, ao mesmo tempo e unidos em um mesmo sistema, corpo-mente.

A palavra Objeto é tomada como objeto da percepção, ou seja, algo real, externo e acessível ao sujeito desde o início e mostrando a relação do Corpo para com a mente ainda primitiva. Daí a afirmativa de que a fisicidade (*fisicità*) é o corpo em si, frente às suas manifestações, sensações e comunicações, sendo também a fisicidade a qualidade primária do Objeto Originário Concreto (O.O.C.).

A designação da palavra Concreto exhibe o objeto dentro do qual estamos e que, por isso, o torna diferente de um objeto representado. A concretude demonstra, desse modo, a noção de fisicidade e essa relação é

algo que nos acompanhará por toda a vida, exatamente por ser o Corpo a morada da nossa mente. Desse modo, o O.O.C. não é resultante da internalização ou da relação de introjeção – projeção dos objetos relacionais, mas sim a “pessoa somática”, com comunicações e reações próprias da linguagem corporal.

Finalmente, Originário, designa noção de Original, algo que fala da singularidade da relação corpo-mente e dos princípios da formação mental.

Citando Ferrari:

“Com o termo Objeto Originário Concreto pretende-se, portanto, dar relevo e força à unidade constituída por um aparato mental que percebe e registra, e por um corpo no sentido físico, bem como pelas sensações esparsas que provém desse corpo. A mente, o aparato sensorial e o corpo em sua fisicidade - que o torna objeto em relação à mente sujeito - já é reconhecida por quase todas as comunidades científicas como uma unidade: eles são vistos como elementos de um conjunto”.

Voltemos à pessoa somática citada por Ferrari e uma outra hipótese do mesmo autor em “O Eclipse do Corpo”. Essa seria uma modalidade de funcionamento na qual o corpo, pela sua presença funcional, sobressai às próprias condições da mente, cobrindo de sensações um aparato mental ainda incapaz em perceber, traduzir e representar, seja pelas condições dos primórdios da constituição do Eu, seja por um afastamento entre aquilo que o corpo sente e a condição de tradução feita pela mente. Essa última modalidade, isto é, o Corpo apresentando sensações ainda sem nomeação, numa forma de narrativa que ainda necessita de representações mentais, poderá ser a única forma de comunicação possível. Estamos diante do corpo em si e não da Corporeidade, a qual precisaria do trabalho de representação e simbolização para se configurar.

Ferrari denominará esse fenômeno como eclipsário na relação Corpo – Mente, sendo que o Corpo fará, nesse momento, sombra sobre o funcionamento e capacidade mental. Tendo em vista o aspecto primitivo da mente

e a desigualdade dessa em relação à fisicidade (funcionamento corporal e demandas), identifica-se, nos primórdios, um conflito Corpo-Mente, evidenciando-se duas polaridades, numa forma de cisão, num processo longo de acomodação entre essas partes desiguais, na qual o Corpo ainda não encontra uma mente suficientemente amadurecida para traduzi-lo (A Sombra ou Assombra: a chegada do Duplo na Sala de Análise, Nicolliello, Rossana, 2019).

Essa modalidade descrita anteriormente, isto é, a eclipse do Corpo sobre a Mente, não é uma exclusividade dos primórdios da formação do Psiquismo e sim, como dissemos há pouco, uma modalidade de funcionamento em dadas circunstâncias da vida (Adolescência, por exemplo) e que passará também a ser a base da comunicação não-verbal.

Sendo assim, a presença do Corpo na relação analítica não diz somente da presença de uma fisicidade mas de uma comunicação estabelecida do corpo para com a mente do paciente, tendo o analista como catalizador dessa relação, ou seja, aquele que participará com narrativas, auxiliando no processo de construção do simbólico. Além disso, estarão também presentes, o corpo do analista e o corpo do paciente, juntamente com as sensações que emanam de ambos.

Passemos então para o encontro virtual, onde o Corpo do Analista e do Analisando estariam representados pela projeção da imagem.

Dessa forma, quando a Fisicidade passa a ser “intermediada pela mídia”, tanto o Corpo, como os órgãos dos sentidos, vistos como catalisadores da experiência sensorial, ficariam limitados em sua comunicação ou parcialmente percebidos na delimitação imagética do encontro virtual. Não se trata apenas da ausência de um corpo físico, mas da diferença de percepção entre um corpo-imagem e um corpo real, na intimidade. Nessa situação, estaremos diante do Corpo como um Objeto representado e não mais na modalidade originária de sua concepção, dentro do conceito de Objeto Originário Concreto.

Além desse fato, estariam Analista e Analisando situados em lugares diferentes, ambos afetados em sua sensorialidade de forma diversa,

convivendo com cheiros, barulhos, estímulos e presenças indiretas, próprias de cada lugar.

Ainda que possamos pensar no *setting* como o lugar da representação mental, é inegável a diferença existente entre a fisicidade compartilhada em um mesmo *setting*, ou seja, corpos que se encontram na sala de Análise, em comparação a corpos que se reapresentam através das imagens projetadas na tela.

Desse modo, tanto pela ausência do corpo como pelas alterações da imagem em sua apresentação bidimensional, perdemos um pouco de nós mesmos.

Então trago mais uma questão, pensando na definição da pessoa somática, essa que pode se destacar por sobre a pessoa psíquica. Como apresentá-la frente a uma fisicidade virtual? E que parte de nós ou do paciente não estaria presente nessa modalidade de encontro?

Frente a essas questões é preciso pensar na diferença inegável entre a modalidade de atendimento virtual e presencial, e entender que essas diferenças acabam por trazer mudanças no material percebido durante o atendimento. A comunicação não-verbal poderá ser eclipsada pela intensa produção mental, abrindo espaço para as intelectualizações e, em determinadas situações, aumentar a distância entre os pares e estimular as defesas.

Dessa forma, essas considerações não estão a serviço de desaprovar ou desconsiderar o atendimento virtual, mas de mostrar que entender as diferenças entre os formatos de atendimento é crucial.

Um atendimento virtual aproxima e afasta, ao mesmo tempo. Ele encurta as distâncias quando viabiliza o encontro, mas promove afastamentos quando parte do sujeito, a sua fisicidade, por vezes não representada na mente, fica apartada e enigmática frente ao Analista, dificultando para ambos o reconhecimento desses processos pela dupla, portanto interferindo nos caminhos de simbolização.

Hoje nos encontramos diante dessa situação, postos frente ao atendimento virtual como, temporariamente, uma das únicas formas de contato entre as Verticalidades e Horizontalidades do Analista e Analisando. Somos

nós diante de alguns nós...

Pensando novamente na palavra fisicidade, que se define nos rastros deixados pela presença física, essa não seria possível na relação virtual, mas seria imprescindível para a comunicação não-verbal. E como ser inteiro se parte de nós se mantém apartada de apresentação?

Diante dos limites postos, o possível encontra o necessário, e o atendimento virtual, por alguns negado em suas diferenças, passa a ser visto como um substituto do encontro real, sem perdas. Penso que essa questão é preocupante e precisa ser pensada...

Seria como comparar um encontro amoroso real a um virtual, em que a presença dos corpos dos pares seria substituída pelo simulacro das imagens estampadas na tela dos aparelhos, dispensando assim nossa fisicidade e a expressão do gesto e dos sentidos, fazendo de nós seres sem rastros.

Nessas reflexões eu me lembrei de Adélia Prado e dos seus versos em *Corridinho*, quando diz:

“O amor quer abraçar e não pode. A multidão em volta, com seus olhos cediços, põe caco de vidro no muro para o amor desistir”.

Pois é... Precisamos pensar sobre essas distâncias.

## **WHAT IS THE DISTANCE BETWEEN US?**

**ABSTRACT:** This article refers to remote psychoanalytic care and asks questions about the perceived differences between the virtual and face-to-face modalities. Those questions take as a reference the presence and absence of the Body in the sessions and the implications of that. Such reflections are based on the hypotheses of the psychoanalyst Armando Bianco Ferrari.

**KEY WORDS:** body, mind, physicality, non-verbal communication, concrete original object.

## **CUÁL ES LA DISTANCIA ENTRE NOSOTROS?**

**RESUMEN:** Este artículo se refiere a la atención psicoanalítica remota y hace preguntas sobre las diferencias percibidas entre las modalidades virtuales y en persona. Estas preguntas toman como referencia la presencia y ausencia del Cuerpo en las sesiones y sus implicaciones. Tales reflexiones se basan en las hipótesis del psicoanalista Armando Bianco Ferrari.

**PALABRAS CLAVE:** cuerpo, mente, fisicalidad, comunicación no verbal, Objeto Original Concreto.

## REFERÊNCIAS

- FERRARI, A.B. (1995). *O eclipse do corpo: uma hipótese Psicanalítica*. (M. Mortara, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- FERRARI A.B. & Stella, A. (1998). *A autora do pensamento* (M. Mortara, trad.). São Paulo: Editora 34.
- FERRARI, A.B. (2004). *Vida e tempo: reflexões psicanalíticas* (S.S Paladino, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- CARIGNANI, P. & ROMANO, F. (2006). Prednere il corpo Il dialogo tra mente e corpo in psicoanalisi: teoria e clínica. Milano, Italia: Franco Angeli.
- FREUD, S. (1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904 (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer ( 1920) Volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. Editora Companhia das Letras.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo (1914). Tradução de Paulo César de Souza – Obras completas Volume 12. Editora Companhia das Letras.
- FREUD, Sigmund. O Infamiliar ( 1919). Das Unheimliche. Das obras incompletas de Simund Freud. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Editora Autêntica.
- FREUD, Sigmund. A cisão do Eu no processo de defesa (1940). Das obras Incompletas de Simund Freud. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Editora Autêntica.
- FREUD, Simund. O Eu e o Id (1923). Tradução de Paulo César de Souza. Obras completas Volume 16. Editora Companhia das Letras.
- JALLEY, Émile. Freud, Wallon, Lacan: a criança no espelho – Tradução de Antônio Carlos V. Braga. Rio de Janeiro. Cia de Freud, 2009.
- ROUDINESCO, Elisabeth, 1944. Dicionário de Psicanálise. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães,- Rio de Janeiro. Jorje Zahar, 1998 Quinodoz, Jean Michel Ler Freud: guia da Obra de Sigmund Freud. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre. Artmed, 2007.
- ZIMERMAN, David. Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise. Porto Alegre, Artmed, 2001.